

RESENHAS

SAUDADES DESSES TRÓPICOS EMBALSAMADOS

LEVI-STRAUSS, Claude.
Saudades do Brasil. São Paulo:
Companhia das Letras, 1994. 227
págs.

Em São Paulo de 1935, cartas geográficas que eram vendidas no comércio representavam todo o oeste do estado em branco e uma curiosa legenda informava: "territórios desconhecidos habitados pelos índios". Esses mapas tinham menos de vinte anos na época. A grande metrópole brasileira acabara de atingir um milhão de habitantes há apenas cinco anos. Uma floresta ainda virgem lhe contornava. Poucos edifícios arranha-vam o céu paulista. Foi com este cenário ainda bucólico que o antropólogo belga Claude Lévi-Strauss, nascido há 87 anos em Bruxelas, se deparou. Antes de se decidir pelos tristes trópicos, Lévi-Strauss era professor de filosofia em Paris onde se graduou. Sua vinda ao Brasil deveu-se a sua nomeação como

membro de uma missão universitária. São Paulo há pouco inaugurara sua universidade e foi lá que o mentor da Antropologia Estrutural ocupou uma cadeira de sociologia. De 1935 a 1939, Lévi-Strauss levou à cabo várias expedições ao interior do Mato Grosso e à Amazônia meridional. A maior parte das fotografias contidas no livro *Saudades do Brasil* é o resultado mais visível dessas incursões pelo Brasil.

Seu olhar etnográfico nos arrasta de início para uma contemplação do que era São Paulo na segunda metade da década de 30. Eis suas impressões: "A cidade tinha uma beleza singela devido às rupturas de ritmo, aos paradoxos arquitetônicos, aos contrastes de formas e cores. Apesar ou por causa da falta de organização, a paisagem urbana torna-se, por vezes, lírica." Leva-nos ao interior onde mira a gente na rua e nos revela um anjo negro que vaguía na feira à espera da procissão que ainda não saiu. São 176 fotografias que constroem uma pequena crônica

de viagens que não se limitaram ao Brasil - ele também visitou a Bolívia -, organizadas em bloco conforme um roteiro do próprio autor. Os registros bolivianos formam uma ínfima parte da obra. Lévi-Strauss documentou igualmente aspectos urbanos de Cuiabá e Salvador. O grosso da documentação é, todavia, dedicada aos índios Caduveo, Bororo, Mundé, Nambikwara e Tupi-Kawahib, fruto de uma seleção de quase 3 mil negativos cuja tarefa foi partilhada com o filho e a atual mulher.

O próprio Lévi-Strauss não se acha fotógrafo, amador ou profissional, e só o foi no Brasil. "depois o gosto passou". Seu contato com esse meio data da tenra infância quando seu pai, um pintor, costumava fotografar seus modelos para ter um melhor controle dos detalhes de suas fisionomias para depois retratá-las em telas. Se não era fotógrafo, Lévi-Strauss soube aproveitar suas viagens e escrever uma bela narração visual nas suas expedições científicas. No outono de 1959 visita os índios Caduveo e Bororo com a finalidade de trazer coleções etnográficas para enriquecer o vasto acervo do Museu do Homem de Paris. Nesta missão, ele faz muito mais do que isso. Nos retratos de crianças e mulheres engenhou uma arqueologia da arte de desenho no corpo dos índios Bororo que "inventam composições cuja liberdade quase não leva em conta os traços do rosto humano. Caduveo, Bororo, Nambikwara, Mundé, Tupi-Kawahib, índios aprisionados em imagens que se não lhe roubavam a alma como acreditava o bom selvagem, vinham a ser sua

primeira morte (a morte simbólica). Esse terror da fotografia, diga-se de passagem, não era apanágio das culturas primitivas, o renomado Honoré de Balzac só se postou uma única vez diante de um daguerreótipo porque cria no poder deste de retirar, a cada foto, uma da série de camadas espectrais das quais era constituídos os corpos. "É o devir-fantasma dos corpos fotografados." (Dubois: 1994: 227-8). O que acorrenta o nosso olhar nestas fotografias não é nenhum rebuscamento estético ou de linguagem, mesmo porque só consegui enxergar isso na fotografia de um menino Caduveo onde é evidente um aprimorado tratamento da luz. Esta pequena mostra do acervo fotográfico de Lévi-Strauss ganha importância pela força documental contida em suas imagens. Um documento que extrapola o visível das aparências dos corpos e objetos iluminados que numa certa época se prestaram a interesses imediatos de suas pesquisas etnográficas. Lévi-Strauss engendrou um acervo imagético que nos instiga a garimpar, em outras dimensões que vão além do imediatamente palpável, segredos que jamais lograremos a desvendar. O que quer nos diz aquele sorriso resignado do menino Caduveo? Ou o olhar sereno e enigmático de suas índias? Resignação diante de um porvir sem saída que o cataclismo da colonização lhes agraciaria?

Adentrar no universo representado nestas imagens torna-se amiúde um exercício de mea culpa. É se entristecer mesmo quando crianças Nambikwara "nos" olha sorridentes. É sofrer

com os flagrantes pungentes da agonia Nambikwara numa epidemia de oftalmia purulenta. É se enternecer com a espontaneidade explícita das carícias à luz do dia, trocadas a dois ou a três numa poligamia sem culpas; ou com a fotografia da indiazinha adormecida na arcaia com a mão sobre o sexo como a entrever a vergonha que o mundo dos brancos viria a lhe impingir.

Em quase todas as sociedades, a fotografia é instrumento de reconforto frente à perda de um ente querido. Objeto tentador para recompensar a privação da presença física de alguém, conservamos como relíquia fotografias de parentes, amigo, ídolos e até de lugares que agora só existem da forma que os conhecemos na bidimensionalidade do papel. "Uma espécie de engodo sentimental onde a fotografia representa a presença da pessoa amada e também sua ausência irremediável." (Koury: 1995: 58). Bazin fala desse "poder irracional" da fotografia que nos leva a acreditar nesse retorno do objeto fotografado, ali "representado, literalmente representado, quer dizer, tornado presente no tempo e no espaço." (Bazin: 1975: 11-19). Seria este o sentimento que supostamente se esperaria de Lévi-Strauss ao rever essas imagens filtradas pelo seu olhar fotográfico. Paradoxalmente essas fotografias não amainam em nenhum momento o sentimento de perda que o antropólogo sente em relação aos povos e paisagens que vivenciou mesmo que por tão breves cinco anos. Sua vivência com o universo indígena não se restringiu ao contato físico,

perdurando ainda por muitos anos nas obras que escreveu posteriormente.

O Brasil que Lévi-Strauss conheceu não existe mais e numa contradição evidente essas imagens não lhe detonam as mesmas sensações do real vivido no odor, embora não mais nauseante como antes, do creosoto que impregnava suas malas antes de cada viagem para imunizá-las contra cupins e o mofo tão comuns nos trópicos. Para ele, esse odor ainda renitente nos seus cadernos de notas, é mais forte enquanto detonador de recordações e sentimentos do que a imagem fotográfica cujo poder indiciário pressupõe a presença do objeto fotografado, imprescindível para a existência da fotografia. Como ele próprio esclarece no prólogo de *Saudades do Brasil*:

"Meus clichês não são uma parte, preservada fisicamente e como por milagre, de experiências nas quais todos os sentidos, os músculos, o cérebro achavam-se envolvidos: são apenas os indícios delas. Indícios de seres, de paisagens e de acontecimentos que sei ainda que vi e conheci; mas, após tanto tempo, nem sempre me lembro onde ou quando. Os documentos fotográficos me provam sua existência, sem testemunhar a seu favor nem torná-los sensíveis a mim."

Para nós, distanciados no tempo e no espaço daqueles mundos, esses documentos não nos consolam nenhum pouco, ao contrário, nos traz uma ausência até então desconsiderada. As fotografias deste livro - imagens embalsamadas de povos que não mais existem dizimadas pela contínua ação colonizadora - são

como um atestado de óbito. É esse eterno "presente-passado" atualizado nestas fotografias que nos leva a ver quão distantes e mortais são os seres aí representados, supostamente "eternizados" pelo golpe fotográfico num determinado espaço-tempo de suas existências que os destacou da vida. Daí a dor e a saudade de um mundo que nunca iremos conhecer. Um Brasil que os olhos privilegiados de Claude Lévi-Strauss imobilizou e que nos chega embalsamado, tristemente.

Bertrand Lira

(Mestrando em Ciências Sociais-UFPB)

Bibliografia:

- BAZIN, André. "Ontologie de l'image photographique". In: *Qu'est-ce que le cinéma?* Paris: Ed. du Cerf, 1975.
- DU BOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. "Imagens de Dor e Morte - fotografia e sentimento". In: *Anais do GT Antropologia Visual* (MGP Koury, org.) da IV Reunião de Antropologia do Norte Nordeste. João Pessoa, 1995.

PARAIBA: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E TECNOLOGIA

BUONFIGLIO, Maria Carmela, et al. *Trabalhadores, Tecnologia e Organização do Trabalho no Setor Industrial da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária, 1994. 161 pags.

Este livro é resultado de uma pesquisa realizada entre os anos de 1988 e 1990, pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Tecnologia e Trabalho, ligado ao

Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Seu principal objetivo foi o de realizar um perfil da indústria de transformação no estado, privilegiando as questões da tecnologia e organização do trabalho.

A ausência de um quadro geral das indústrias instaladas no estado, amplia a importância desse estudo, que entre outros aspectos interroga os sentidos de uma industrialização regional, nascida sobre forte impacto estatal em um mundo de intensa competitividade.

O trabalho compreende três partes: a primeira, se dedica a questão dos antecedentes históricos da industrialização paraibana, que corresponde ao que se convencionou chamar de nova indústria, ou seja, de uma industrialização que se processou no contexto da política de desenvolvimento da SUDENE. A partir da implantação dessa política de industrialização, instalaram-se no Estado 85,3% das indústrias pesquisadas. Apesar da nova indústria trazer certa diversificação, traduzida em catorze ramos industriais, a pesquisa notou um predomínio tanto em termos de pessoal ocupado, como em número de empresas, dos ramos já tradicionais no estado, como o de vestuário e calçados.

A segunda parte, busca fazer uma análise da tecnologia empregada, privilegiando a modernização tecnológica, especialmente a de base microeletrônica. A pesquisa chega à conclusão de que os anos oitenta se caracterizaram como um período de modernização por excelência. Porém, apenas em